

UM OLHAR PARA OS DESLOCAMENTOS: MICHEL FOUCAULT E A HISTÓRIA DOS ESPAÇOS NA ARQUEOGENEALOGIA

*Gabriel José Pochapski**

Resumo: Este artigo busca analisar a temática do espaço na arqueogenealogia foucaultiana e suas relações com a História. Desde 1967, na conferência "Outros espaços", Foucault apontava as espacialidades como preocupações recorrentes do século XX. Tendo colocado em questão as percepções que consideravam o espaço como dicotomia em relação ao tempo, Foucault enfatizou os processos históricos em atravessamentos que afluíam espacialmente. Ao propor uma arqueologia dos saberes, seus objetos e discursos, ou uma genealogia do poder nas práticas e instituições, o pensamento foucaultiano mesmo de modo indireto, foi perpassado pelos espaços. Se para Foucault os recortes e limites são produzidos historicamente, torna-se necessário afirmar as espacialidades como ruptura e acontecimento, aspectos estes de fundamental interesse para a prática do historiador.

Palavras-chave: Espaço; Michel Foucault; Teoria e Filosofia da História.

Abstract: This article seeks to analyze the space thematic in the Foucaultian archeogenealogy and its relations with history. Since 1967, in the conference "Other spaces", Foucault pointed out the spatialities as recurring concerns of the twentieth century. Having put in question the perceptions that consider space as a dichotomy in relation to time, Foucault emphasized the historical processes in crossings that cropped up spatially. By proposing an archeology of knowledge, its objects and speeches, or a genealogy of power in the practices and institutions, the thought of Foucault's, same indirectly, was runs through the spaces. To Foucault the indentations and limits are historically produced, it is necessary to state the spatiality as rupture and event, aspects of underlying interest to the historian practice.

Keywords: Space; Michel Foucault; Theory and Philosophy of History.

123

Submetido em: 12/04/2017

Aceito em: 14/05/2017

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), sob orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: gabriel_pochapski@hotmail.com.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço
(FOUCAULT, 2006, p. 411).

O trecho acima proferido por Michel Foucault em uma conferência radiofônica no Círculo de Estudos Arquitetônicos em 1967 buscava enfatizar as espacialidades como o horizonte das preocupações que emergiam no mundo contemporâneo. Se o tempo em teorias e sistemas, nos ideários de desenvolvimento ou na sobrecarga atribuída ao passado obcecou o século XIX, o espaço em sua simultaneidade, nos entrecruzamentos e dispersões tornou-se uma diferente perspectiva para o século XX. François Dosse (1993, p. 392-393) apontou o distanciamento das abordagens que privilegiavam o tempo como centralidade analítica e o interesse pelo espaço como denominadores comuns de muitas das produções intelectuais da década de 1950. Segundo este historiador, grande parte desta mudança havia sido decorrente da dissipação dos ideários até então assegurados pelas filosofias da história de maneira que o tempo, esta linha que conduziria os homens ao progresso, passou a ser colocado em questão.

124 Inserida em tal período, a obra de Michel Foucault, assim como muitos outros pensadores franceses, esteve ligada a um contexto em que foram sentidos os efeitos da falência das grandes teorias explicativas, das guerras, do Holocausto, das crises econômicas e do Gulag. Impactados com o colapso das teleologias, os historiadores passaram a desconfiar de suas relações com o tempo e diante da frustração com o passado e nas incertezas sobre o futuro, a “temporalidade caiu na espacialidade” (DOSSE, 1993, p. 393). Por outro lado, é necessário destacarmos que a aproximação com a temática do espaço não ocorreu de forma homogênea nas produções francesas da metade do século XX. Enquanto a historiografia buscou evitar o devir investindo em enfoques que privilegiavam o âmbito espacial na geo-história, nas longas durações ou na história imóvel,¹ a obra de Michel Foucault em suas fases, objetos e conceitos foi marcada por um direcionamento singular nas relações entre o espaço e a história.

Desde as investigações arqueológicas dos saberes e seus discursos na década de 1960, ou na genealogia do poder a partir de 1970, Foucault questionou as perspectivas que opunham o tempo ao espaço e compreendiam este como um dado natural, permanente e estável. Em suas preocupações conceituais, na análise das formações discursivas ou na singularidade dos acontecimentos, a obra foucaultiana promoveu um deslocamento para as mobilidades que oscilavam nas diversas superfícies, para os campos de força que produziam delimitações e, principalmente, para a dimensão

¹ Podemos destacar *O Mediterrâneo* (1949) de Fernand Braudel e *Les Paysans de Languedoc* (1966) de Emmanuel Le Roy Ladurie como os principais exemplos destas perspectivas.

histórica como algo indissociável dos espaços. Em meio as diferentes obras produzidas nas décadas de 1960 e 1970, teria Foucault estabelecido uma significação única para o espaço enquanto categoria? E de que maneira as noções espaciais foram por ele instrumentalizadas neste período arqueogenealógico?

Segundo Albuquerque Júnior, Veiga-Neto e Souza Filho (2008, p. 10), por mais que aqueles que se utilizam das perspectivas elaboradas por Foucault ressaltem o âmbito temporal de suas análises, ignorando muitas vezes os aspectos espaciais, torna-se necessário afirmar que as fronteiras, demarcações e limites não resultaram de sucessões contínuas, amistosas ou pacíficas. Como leitor de Nietzsche, Foucault reiterou constantemente o caráter conflituoso das relações humanas, a linguagem marcada pelas batalhas e jogos discursivos, e o poder que nos diferentes espaços nomeou e atravessou as instituições, as vivências e os corpos. Instigado por estas perspectivas, o presente texto busca analisar no que consistiu a temática do espaço na arqueogenealogia de Michel Foucault e de que maneira seus usos estiveram relacionados com a História.

Rompendo com as prerrogativas a-temporais, teleológicas ou deterministas, o pensamento foucaultiano instigou a compreensão do espaço pela ação humana e seus eventos. Desde o ato de nomear e dar significação, traçar limites, estabelecer fronteiras e promover deslocamentos, o espaço, longe de possuir uma essência fixa ou limites inatos e prontos, foi resultante de transformações temporais produzidas pelos indivíduos. Em suas diferentes obras Foucault sinalizou a partir de mudanças nas condições históricas a emergência de dadas superfícies, os rearranjos de outras, as mudanças nas formas de categorizar as demarcações ou de traçar as linhas que definiram o que seria central e o que se tornou relegado às margens.

A percepção de que o espaço era inseparável da dimensão histórica não foi uma novidade foucaultiana da metade do século XX. Nas décadas anteriores, entre 1920 e 1930, os historiadores franceses, notadamente dos *Annales*, promoviam certas aproximações entre o espaço e o tempo através da influência do possibilismo geográfico de Vidal de La Blache. Nomes como Bloch e Febvre já ressaltavam a dimensão histórica que atravessava e produzia os territórios rurais, as sociedades camponesas, os rios com suas interações e contatos (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 163-173). Por outro lado, o trajeto intelectual seguido por Foucault não foi o mesmo percorrido pelos historiadores dos *Annales*, pois como destacou Dosse (2013, p. 158), o filósofo francês substituiu a linearidade ideal, os invólucros teleológicos e o progresso por uma abordagem do tempo que privilegiou o singular e o descontínuo. Influenciado por Bachelard, Canguilhem e Merleau-Ponty, Foucault defendeu uma compreensão da história marcada pelo acontecimento como mudança, novidade e

ruptura, contudo, não se trata de afirmar que seu interesse esteve voltado apenas para os acontecimentos produzidos em diferentes superfícies. Desde a década de 1960, este pensador problematizou o próprio espaço como emergência histórica, enquanto fruto de discursos que constituíram as suas formas e como efeito de saberes e poderes que o legitimaram. O acontecimento, portanto, estava intimamente ligado ao espaço.

Compreensões como estas nos são perceptíveis desde a publicação de *História da Loucura* no ano de 1961. Rompendo com a imobilidade e com a naturalização, o acontecimento pode ser pensado em uma perspectiva espaço-temporal desde a mudança ocorrida no século XVII, na qual o espaço outrora designado aos leprosos passou a ser ocupado inicialmente pelos doentes venéreos, figuras afastadas do convívio público da sociedade. Com a emergência do Estado Moderno, o louco surgiu como preocupação das autoridades, uma figura perturbadora da ordem social que deveria ser anexada às casas de internamento, um espaço menos visível e incômodo para a população.

Se no período da Renascença, os loucos viviam sem um território único, cortando os rios e mares nos movimentos dos barcos ou caminhado entre vilas e cidades em estradas, na segunda metade do século XVII, estas figuras tornaram-se o objeto do banimento e das grandes internações. O acontecimento tornou-se espacializante na medida em que emergiram as condições históricas para se traçar uma fronteira que delimitou de um lado a sociedade, e de outro os loucos, os doentes venéreos, os considerados devassos, sodomitas e vadios. Foucault (1978, p. 106) aponta que as casas de internamento se tornaram depositários de toda população que transgredia os limites impostos socialmente. Criou-se uma geografia comum do espaço do internamento e do espaço da prisão, tratava-se de locais preenchidos por uma população excluída, demarcada como desestabilizadora da ordem social.

Outras transformações foram assinaladas no decorrer da segunda metade do século XVIII, quando o pensador francês apontou a emergência de uma recorrente preocupação com os loucos, que de condenados ao horror e a podridão passaram a ser o centro de diversos atos que buscavam melhorias nas condições de vida. A loucura deixava de ocupar as margens para ser estabelecida na centralidade das preocupações sociais. Os espaços nos quais o louco e o criminoso haviam sido acoplados passaram a ter gradualmente os seus limites redefinidos com a emergência dos hospitais de cuidados exclusivos. O caráter instável e conflituoso destas relações estabelecidas com a loucura ressoava nos espaços; a figura do louco, antes dispersa em um mesmo lugar que outros excluídos da sociedade, foi deslocada para adentrar na superfície hospitalar. Em meio às camas e corredores, seu comportamento foi compreendido pelas ciências

positivas como uma patologia mental, já que deslocamento da loucura para outro espaço implicou também a elaboração de novas terminologias.

O núcleo central destas operações espacializantes nos é perceptível no acontecimento que se produziu no início do século XIX, quando em 1808, Royer-Callard buscou expulsar o Marquês de Sade da casa de internação de Charenton, espaço o qual pretendia transformar em hospital. Para tal filantropo, "esse homem não é um alienado. Seu único delírio é o do vício, e não é numa casa destinada ao tratamento médico da alienação que essa espécie de vício pode ser reprimida. É preciso que o indivíduo por ela atingido seja submetido ao mais severo sequestro" (FOUCAULT, 1978, p. 123). Segundo o diagnóstico do investigador da loucura, Sade não era desprovido de razão, mas sim sofria de sodomia, do vício e da perversidade, o espaço de cuidado dos alienados deveria ser protegido destas figuras, pois para Royer, o lugar de Sade é a prisão.

Neste sentido, podemos perceber que o novo significado da loucura na modernidade foi assinalado por uma acontecimentalização do espaço, afinal, não se discutiu apenas se Sade era louco ou não, mas principalmente qual o espaço que ele deveria ocupar. Foi pelo internamento no hospital psiquiátrico que a superfície da loucura se tornou assim transformada, a experiência que antes era compreendida de forma nebulosa passou a ser fragmentada por classificações médicas, tipologias e classificações características da Psiquiatria emergente naquele contexto. Aleikseivz (2016, p. 9) aponta que encontramos "[...] ao lado das análises teóricas acerca dos saberes que incidem sobre o indivíduo considerado louco, uma filosofia que pensa os espaços onde se desenvolvem essas relações". Podemos expandir esta afirmação ao compreendermos Foucault enquanto um filósofo que se atentou para a historicidade dos espaços e suas transformações ao desenvolver a maior parte de seus textos a partir do contato com o arquivo. Na análise dos registros do Hospital Geral e da literatura médica produzida na Idade Clássica, o intelectual francês enfatizou a dimensão histórica que definiu os limites da racionalidade, relegando para espaços específicos os que transgrediam tais fronteiras.

Nas suas investigações arqueológicas ocorridas durante a década de 1960, Foucault desenvolveu a análise histórica da emergência dos discursos dos saberes e seus objetos, mas como apontou Dosse (2013, p. 161), a perspectiva arqueológica não buscou definir os pensamentos sobre um dado discurso, mas sim "[...] tratou de identificar os diversos status, localizações, posições ocupadas por aquele que mantém um discurso cujo significado se referia a um ponto particular do espaço". É possível afirmar que a investigação arqueológica acabava por assinalar uma operação conceitual espacializante, já que sua prática implicava na "escavação" das camadas temporais dos discursos ao questionar de que maneira algo até então situado nas bordas passou a

ocupar um lugar de centralidade? E quais as rupturas que tornaram ditas as superfícies que eram indizíveis?²

A arqueologia proposta por Foucault nos anos 60 esteve ligada às instabilidades que atribuíam formas, volumes e camadas de sentido aos espaços, aspectos estes que podemos sinalizar em *O Nascimento da Clínica* (1963). Ao afirmar os diferentes deslocamentos espaciais na análise das mudanças ocorridas no discurso médico e seu conhecimento no decorrer do século XVIII e no início do século XIX, Foucault instrumentalizou-se de diversos conceitos espaciais para problematizar historicamente as dinâmicas produzidas nos entrecruzamentos do campo regido pelo olhar da medicina e a superfície dos corpos.

Definido ao nível do que era visto e do que era dito, o saber médico esquadrinhou o corpo em um conjunto de linhas verticais e horizontais, rasas e profundas. Este ato tornou-se uma maneira de espacializar o corpo, pois penetrava em sua superfície classificado as texturas, cores e manchas, bem como sua dureza ou a sua aderência. Em meio as diferentes descrições, Foucault (1977, p. XI) apontou para as mudanças ocorridas no século XVIII, quando Meckel ao estudar o encéfalo utilizou-se de paisagens e medições que caracterizavam a medicina clássica. A ruptura tornou-se perceptível com a clínica moderna, no momento em que Bichat, Recamier e Lallemand abriram um crânio e a partir do espaço preenchido por uma massa viscosa, cinzenta e com muitas nervuras desenvolveu-se um aparato conceitual sobre o cérebro. O corpo somente tornou-se o local da observação direta da racionalidade médica a partir de uma espacialização de suas extensões.

Incidindo sobre as características que se afirmavam nos sintomas e se codificavam nas doenças da pele, no catarro, na garganta e nas lesões, o corpo, suas dores viscerais, hérnias ou epilepsias foi atravessado por regras resultantes destas transformações na qual o discurso médico passou a definir um organismo doente. Deste modo, a clínica moderna emergiu enquanto o espaço do perceptível e do enunciável, como fato histórico de distribuição dos elementos sobre a superfície dos corpos, sua massa e o seu funcionamento. Analisando os sintomas manifestos, a semiologia do olhar médico tornou o espaço do corpo um atlas anatômico a ser assinalado por uma geografia das doenças e suas progressões.

Nesta dupla dinâmica espacial, tanto nas visibilidades resultantes dos saberes, como na extensão dos corpos, os sintomas como os rostos inchados, os lábios roxos ou a afecção cardíaca não foram afirmados como universais na linguagem da clínica

² A leitura da obra foucaultiana operada por Gilles Deleuze (2005, p. 57-77) afirma a existência de condições de possibilidade que permitiram dadas visibilidades e dizibilidades; modos de focalizar e enunciar que resultaram de contextos culturais, políticos, econômicos, jurídicos específicos. Operações que produziram e transformaram as maneiras como algo se torna visto e dito.

moderna, Foucault ressaltou uma dinâmica contrária, a do individual. A medicina tornou-se um saber sobre o indivíduo, figura esta que como apontou o filósofo francês “só é dado ao saber ao termino de longo movimento de espacialização” (FOUCAULT, 1977, p. 195). Para investigar tanto as doenças, como os falecimentos e suas causas, passou a se requerer um olhar para o acontecimento singular no espaço do corpo, em seu peso e na extensão dos seus membros. Entre discursos médicos, decretos de internações, tratamentos e autópsias, percebe-se na arqueologia a descontinuidade do tempo que se multiplica em diferentes camadas de acontecimentos, assim como a instabilidade dos espaços, que na consolidação dos saberes e na emergência de seus objetos produziu superfícies que deslocaram os indivíduos entre a razão e a loucura, o patológico e a normalidade.

Nos primeiros anos da década de 1960, Foucault havia publicado seus livros sobre a loucura e a medicina no mesmo período em que a obra de Fernand Braudel tornava-se o maior sinônimo da produção de uma geo-história. Os textos escritos pelo filósofo atraíam o olhar dos historiadores, sua presença já havia sido notada desde o apoio dado por Philippe Ariès para a publicação de sua tese sobre a história da loucura em 1961, tendo sido Braudel o primeiro a destacar a relevância da pesquisa empreendida por Foucault (ERIBON, 1980, p. 116-127). Em uma conferência proferida no ano de 1995, Jacques Le Goff enfatizou as aproximações de Michel Foucault com o saber historiográfico destacando o interesse do filósofo para os historiadores que se voltavam para a questão do espaço:

O que fascinava Foucault eram todas essas descontinuidades que havia em *La Méditerranée* e, ao mesmo tempo, todos os componentes que aí entravam para construir um objeto histórico complexo, mas coerente, assim como uma nova maneira que lhe parecia nova de fazer história geográfica (LE GOFF, 2003, p. 203).

Por mais que Foucault e Braudel tenham sido instigados por uma perspectiva geográfica modelada pelo homem no tempo, a espacialização da história promovida por ambos não nos permite afirmar uma proximidade intelectual. Historiadores como Albuquerque Júnior (2008, p. 93-108) ressaltam que os modos de pensar e escrever de Foucault e Braudel não possuíam as mesmas características, pelo contrário, tornavam-se completamente diferentes.

Enquanto Braudel afirmou a centralidade do Mediterrâneo, buscando suas principais estruturas e suas essências significativas, Foucault era atraído pela dispersão, pelas bordas e margens; Braudel produziria uma história dos espaços no qual a temporalidade recuava até as placas imóveis e estáveis da geologia, Foucault direcionaria seu texto para os movimentos, instabilidades e choques. Para Albuquerque

Júnior (2008, p. 108), a maior diferença entre os autores estaria reservada a importância do acontecimento. Diferente de Braudel que relegava o acontecimento como um tempo curto enganador, pequena amostra da profundidade estrutural, Foucault a partir da influência epistemológica francesa atribuía ao acontecimento, em suas singularidades e rupturas, a centralidade da principal categoria da história.

Estas distinções foram intensificadas com a genealogia na década de 1970, quando Foucault não apenas redirecionou o âmbito de suas investigações, mas também transformou o modo de problematizar os espaços. Por se tratar de um pensamento que deslocava constantemente seu horizonte de preocupações, é necessário entendermos que os conceitos espaciais instrumentalizados por esse intelectual não se mantiveram fixos, “[...] mesmo dentro do corpo de um autor: eles se transformam, se aperfeiçoam, se corrigem, tornam-se complexos. Em suma, eles se alteram e essa mudança nos obriga a prestar atenção às autênticas rupturas mais do que as continuidades ilusórias” (BOULLANT, 2003, [s.n.]).³

Foucault jamais produziu um conceito fixo e geral do que seria o espaço, em nenhum de seus textos encontramos uma definição totalizante desta categoria, pelo contrário, os espaços foram compreendidos de múltiplas formas, sejam como efeitos temporais de práticas discursivas e não discursivas, como produções da linguagem ou como resultados de condições históricas específicas. A transição ocorrida da fase arqueológica para a genealógica, entre as décadas de 1960 para 1970, tornou possível ao filósofo francês explorar uma dinâmica espacial voltada para as dispersões, os corpos e as superfícies atravessadas de forma microfísica pelo poder. Em tal período de mudança, Foucault não apenas insistiu em uma abordagem espacializante do tempo, mas também assinalou suas aproximações e distanciamentos com relação aos historiadores franceses.

Apontando que até o século XX prevaleceram as grandes teorias e sistemas que colocavam o tempo enquanto aspecto privilegiado, Foucault (1979, p. 212) considerou que o conhecimento desenvolvido por filósofos como Hegel, Bergson ou Heidegger desqualificava o espaço, atribuindo-lhe a posição do analítico, do morto ou do imóvel. Tido por objeto dos geógrafos por excelência, o espaço era qualificado enquanto categoria dicotômica em relação ao tempo. Estas percepções foram enfatizadas em 1976, quando Foucault estabeleceu críticas a este pensamento em uma entrevista aos geógrafos da Revista *Heródote*. Tornava-se necessário que os intelectuais se atentassem para os processos históricos que afloravam espacialmente. As configurações e recortes, limites e classificações, bem como as elaborações discursivas que incidiam sobre os

³ “Ils mutant, s’affinent, se corrigent, se complexifient. Bref, ils changent et ce changement nous enjoint d’être attentifs aux authentiques ruptures plus qu’aux illusoires continuités” (BOULLANT, 2003, s/p).

espaços acabavam por manifestar a dimensão temporal em processos históricos de poder (FOUCAULT, 1979, p. 159).

Ao ter problematizado as transformações ocorridas na Europa entre os séculos XVII e XVIII, o pensador francês descreveu a partir de *Vigiar e punir* (1975) a emergência das sociedades disciplinares, os mecanismos, aparelhos e técnicas que produziam e organizavam de forma meticulosa os espaços. As prisões, escolas, fábricas, hospitais, vilas operárias, entre outros locais, seriam marcadas por um quadriculamento no qual “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (FOUCAULT, 1987, p. 121). Enquanto o poder investiu diretamente nos corpos, certas espacialidades modernas emergiam como mecanismos estratégicos na medida em que permitiam ordenar, fixar ou promover a circulação. Atuando nas pequenas superfícies, a disciplina passou a ordenar os grupos confusos e espalhados, visando nestas estratégias diminuir a vadiagem e a aglomeração. Os espaços foram configurados tendo os muros como delimitações de um local fechado: as fábricas apresentaram suas estruturas similares aos conventos, as escolas tornaram-se uteis para docilizar o corpo estudantil e os quartéis visavam fixar a massa do exército a fim de produzir um modelo de soldado específico.

A partir da genealogia, o pensamento foucaultiano afirmou a historicidade dos espaços escolares e prisionais circunscritos pela disciplina. Com relação à escola, desde a primeira metade do século XVIII ocorreu uma ruptura das práticas pedagógicas até então utilizadas, pois diferente do modelo anterior no qual cada aluno era atendido isoladamente pelo professor, com a sociedade disciplinar ocorreu uma normatização na qual as diferentes características passaram a ser colocadas sob o olhar avaliador e comparativo do mestre. O aparato escolar antes disperso passou a ter seus lugares rearranjados, dispondo de posições, filas e hierarquias. Já no caso das prisões, Foucault apontou que se os projetos e ideários iluministas do século XVIII pretendiam substituir os violentos suplícios pela prática da vigilância e da correção, a prisão tornou-se o espaço de recrutamento no qual o indivíduo que o adentrava tornava-se infame, estando sujeito a reproduzir os mecanismos da delinquência. Em um modelo quase “fabril” de produção de criminosos, o espaço prisional transformava-se de um aparelho extremamente útil para a permanência da marginalidade e do criminalismo (FOUCAULT, 1987, p. 125-222).

Em diferentes investigações sobre a emergência destes espaços disciplinares na Europa Ocidental entre os séculos XVII e XIX, Foucault colocou o dualismo entre o tempo e o espaço. Investindo em uma abordagem espacializante da história, este pensador não buscou negligenciar as superfícies em detrimentos das transformações que ocorriam nos períodos por ele analisados. Pelo contrário, o filósofo realizou um

movimento inverso enfatizando a partir da emergência de determinadas espacialidades as mudanças, os impactos e as rupturas que atravessavam os objetos problematizados. Tomando como exemplo os estudos foucaultianos sobre o poder disciplinar, neste caso as configurações das fábricas a partir do século XVIII, podemos enfatizar no trecho abaixo as articulações entre o espaço e a história traçadas no decorrer dos anos 70:

O maior dos edifícios, construído em 1791, por Toussaint Barré, tem cento e dez metros de comprimento e três andares. O térreo é reservado, essencialmente, à impressão em bloco; contém 132 mesas dispostas em duas fileiras ao longo da sala com 88 janelas: cada impressor trabalha a uma mesa, com seu "puxador", encarregado de preparar e espalhar as tintas. Ao todo 264 pessoas. Na extremidade de cada mesa, uma espécie de cabide sobre o qual o operário coloca para secar a tela que ele acabou de imprimir. Percorrendo-se o corredor central da oficina, é possível realizar uma vigilância ao mesmo tempo geral e individual; constatar a presença, a aplicação do operário, a velocidade de seu trabalho; comparar os operários entre si, classificá-los segundo sua habilidade e rapidez; acompanhar os sucessivos estágios da fabricação (FOUCAULT, 1987, p. 124).

132 Para Foucault, as fábricas apareceram ao final do século XVIII caracterizadas pela necessidade de controlar o espaço e o tempo. Sua estrutura adaptou-se tanto para a organização dos corpos como para a vigilância do seu trabalho. Os corredores, os cabides ou a amplitude arquitetônica que seguia do individual para o coletivo, acabavam por indicar os mecanismos de poder que dispunham os posicionamentos e os enquadramentos de cada funcionário. De modo simultâneo, a fábrica também se caracterizou pela dimensão temporal, seus modelos e formas resultaram de estratégias específicas, seu tempo foi ordenado pela programação dos horários nos alarmes e sinais, pelos ritmos e marchas cronometradas. A disciplina nas fábricas, assim como em outras superfícies investigadas por Foucault, acabava por assinalar uma indissociabilidade nas formas de controle atuantes no espaço e no tempo.

Em meio à história da emergência das superfícies nos séculos XVIII e XIX, o pensador francês atribuiu uma importância especial ao panoptismo como o acontecimento espacializante das sociedades disciplinares, um modelo de visibilidade que se expandiu e se consolidou no panóptico de Bentham em 1785. A construção anelar com uma torre no centro seria assinalada por grades que permitiam a passagem de luz, pois os espaços escuros passaram a ser temidos, era necessário tornar tudo visível, pois se pressupunha que nada poderia escapar destes olhos reguladores. Deste modo, para Foucault (1987, p. 166), o preso que se encontrava na masmorra em meio à escuridão foi deslocado para o espaço da luz, para um olhar que o vigia sem ser visto.

Partindo destas compreensões sobre a ação do poder nas superfícies, Michel de Certeau (2011, p. 152), analisa nas produções genealógicas de Foucault duas práticas

de espaço que se chocam neste campo da visibilidade: uma que se direciona para a disciplina, e a outra que resulta da transgressão. Na primeira, o visível está ligado a um quadriculamento em células que transformam o espaço em um instrumento para impor a disciplina, programar e vigiar qualquer grupo social. Este quadriculamento dos pequenos espaços não assinala um poder com uma intensidade menor, mas sim sua capacidade de se entrelaçar nas relações humanas. Já na segunda prática espacial, a disciplina se choca e se confronta com aqueles que escapam dos enquadramentos em espaços descontínuos pouco perceptíveis, espaços produzidos pelos acasos, brechas que se esquivam e resistem ao olhar panóptico. É necessário compreendermos o caráter criativo do poder na medida em que multiplica os espaços disciplinares e as vivências a eles atreladas. Estas relações não precisavam produzir superfícies fechadas, pois elas eram interrelacionais, compunham certa “sequência espacial” que adentrava nas vidas de modo contínuo. O indivíduo seria produzido pelas instituições em diferentes estágios e lugares, desde a escola, posterior a ela seria a fábrica ou o quartel e por fim, em uma sociedade que pressupõe a produção constante, restariam aos corpos transgressores ou os tidos como inúteis a prisão ou o hospital.

Foi assinalando a consolidação de espaços que Foucault problematizou em *A Vontade de Saber* (1976) a emergência do dispositivo da sexualidade. Compreendendo que os processos históricos em diferentes contextos produziram as subjetividades, normatizando os corpos e seus prazeres, Foucault afirmou as visibilidades que transformaram as superfícies em locais de estratégias operadoras do poder. Destacando o século XIX como uma “explosão” discursiva sobre a sexualidade, Foucault (1988, p. 30) problematizou como o sexo tornou-se uma preocupação a partir da qual os construtores passaram a demarcar certos limites. Os pais temerosos pelas manifestações sexuais infantis tornaram-se vigilantes do quarto das crianças; os professores e pedagogos preocupados com o sexo colegial distribuíram as salas de aula, as mesas, pátios de recreio; os seminários e internatos se utilizaram de cortinas e separações para que os dormitórios fossem demarcados.

Considerando os colégios e as escolas militares do século XVIII, Foucault apontou que “basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo” (FOUCAULT, 1988, p. 30). Os projetos de edificações com muitas janelas, portas abertas e corredores amplos inscreviam o temor pela masturbação e pela homossexualidade. Por outro lado, não se restringindo apenas a arquitetura preocupada com o sexo, as articulações foucaultianas entre poder, saber e espaço se realizaram para investigar o desenvolvimento de diversos mecanismos que esquadriavam o espaço populacional das cidades, províncias e nações. Para Foucault, foi no final do século XVIII que se

consolidaram os modelos modernos dos questionários, recenseamentos e tabelas, assim como os saberes e análises da geografia, da demografia e da estatística. Esta “articulação tripla” que conectava o eixo poder-saber aos espaços esteve ligada aos novos questionamentos e transformações metodológicas ocorridas na fase genealógica da década de 1970.

Podemos problematizar esta perspectiva sobre as dimensões espaciais utilizando o já referido tema da medicina. Como se problematizou anteriormente neste texto, Foucault em sua fase arqueológica analisou as transformações ocorridas na transição entre a clínica clássica para a clínica moderna, aspectos estes marcados por uma ruptura espacializante no discurso do saber médico. Como ressalta Machado (2007, p. 168), a partir da abordagem genealógica, os discursos seriam analisados como possibilidades ligadas a certas condições históricas, em tecnologias de poder e de saber, como a medicina social, que incidia diretamente sobre os corpos, característica esta ligada aos diversos espaços tratados nesta fase do pensamento foucaultiano.

Em sua conferência intitulada *O nascimento da medicina social* realizada em 1974 no Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Michel Foucault afirmou que com a consolidação do capitalismo no século XVIII, a medicina não foi marcada pela passagem do espaço coletivo para o espaço privado, pelo contrário, concebida pelo pensador como uma tecnologia, o saber médico foi adentrando em todas as formas de vida, se entrenhando no corpo, na força de trabalho e nas organizações urbanas. Partindo desta constatação, o pensamento foucaultiano buscou problematizar a emergência da figura do médico enquanto um arquiteto dos espaços na França do final do século XVIII. Se as construções medievais em sua imponência e formas manifestavam a presença de Deus, no final do “século das luzes”, o urbanismo e a saúde pública organizavam os espaços em objetivos econômicos e políticos.

Em meio às preocupações genealógicas, Aleikseivz (2016, p. 69) enfatiza a amplitude que o espaço ganhou nas investigações do filósofo tendo a cidade e os diversos outros aspectos ligados à vida urbana enquanto um de seus grandes interesses. Tomada como objeto de estudo, a cidade de Paris, até então espalhada em diferentes territórios com autonomias próprias tornou-se a partir da segunda metade do século XVIII um espaço unificado, de organização homogênea. Para Foucault (1979, p. 85-86), tal transformação pode ser vista tanto do aspecto econômico, pois a cidade tornou-se local do mercado e da indústria, mas também do olhar político, já que neste contexto Paris tornou-se o espaço das tensões sociais entre ricos e pobres, plebes e burgueses, salários e revoltas. Passou a ser necessário ordenar este espaço considerado insalubre e sua população, deste modo, a medicina social ocupou um papel de centralidade a partir do que se definiu como o medo urbano:

Medo das oficinas e fábricas que estão construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo, também das epidemias urbanas, dos cemitérios, que se tornaram cada vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das *caves* sobre as quais são construídas as casas que estão correndo o perigo de desmoronar (FOUCAULT, 1979, p. 87).

Os sanitaristas preocupavam-se com os túmulos, os matadouros, as casas amontoadas e os esgotos. Espaços como o Cemitério dos Inocentes em Paris, que até no século XVIII se caracterizava pelos milhares de cadáveres amontoados uns sobre os outros, se tornou local de constantes intervenções. Passaram a serem essenciais as grandes avenidas, as arquiteturas que permitiam a circulação do ar e evitavam os cheiros perigosos, o ordenamento hidrográfico para lavar as cidades dos miasmas e doenças.

Foucault (1979, p. 109) analisou as interferências realizadas nos hospitais, onde se investigavam as relações entre o espaço e a patologia, os locais que os doentes seriam curados com o maior sucesso, quais salas tornavam-se perigosos, quais corpos e suas doenças tornavam as superfícies contaminadas e nocivas. Desenvolveu-se todo um aparato e uma trajetória espacial nos andares do hospital, nos tecidos brancos, na posição dos leitos e na disposição das salas. Se na arqueologia o espaço do corpo atribuía ao médico a capacidade de ler os sintomas produzindo um saber, na genealogia os médicos possuíam não só o poder de distribuir os indivíduos nos hospitais, os isolando e individualizando, mas passou a ser competência do saber médico uma especificidade arquitetônica nas residências, divididas em cômodos e funções, nas vilas operárias, nas periferias e locais de grande aglomeração urbana.

Esta maneira de olhar para o passado dando uma ênfase especial ao espaço nem sempre poupou Foucault das críticas e reprovações recebidas no âmbito acadêmico francês, por outro lado, esta transição dos entre os anos de 1960 e 1970 tornou-se indicadora de que havia ocorrido uma gradual mudança na relevância deste campo de interesse. A necessidade de problematizar o espaço nem sempre havia agradado os intelectuais, principalmente aqueles vinculados ao Partido Comunista Francês (PCF) nos anos 60. Como declarou posteriormente em uma mesa-redonda ocorrida em 1977 com os historiadores Michelle Perrot e Jean-Pierre Barot, “lembro-me de ter falado, há uns dez anos, destes problemas de uma política dos espaços e de me terem respondido que era bastante reacionário insistir tanto sobre o espaço” (FOUCAULT, 1979, p. 212).

Acusado de negar a história e de ser um inimigo da revolução por seus interesses espaciais, foi na década de 1970 que Foucault buscou entre os historiadores, especialmente nos *Annales*, produzir uma história dos espaços que seria uma história dos poderes, o que não significou que as relações entre o filósofo e os historiadores tenham sido sempre amistosas.

Em meio ao trabalho constante com o arquivo e a publicação dos textos, houve preocupações comuns, embora fossem constantes as particularidades em suas formas de se relacionar com o passado. Em algumas ocasiões Foucault até teria se denominado como um historiador, mas já em outros momentos negou completamente tal posição (O'BRIEN, 1992, p. 33-62).

Traçando críticas ao modo como este pensador teria analisado o intervalo entre os séculos XVII e XIX em *Vigiar e Punir* (1975), Jacques Léonard afirmou em 1982 que "O Sr. Foucault viaja três séculos, com rédea solta, como um cavaleiro bárbaro" (LÉONARD, 1982, p. 8).⁴ Para este historiador, Foucault deixou de realizar um estudo exaustivo do período, negligenciando o uso da variedade documental disponível. Léonard não apenas se incomodava com as descontinuidades que o filósofo operava diante da cronologia consagrada, mas também com os termos geográficos utilizados por Foucault, "o vocabulário da geometria esvazia a sociedade dos homens; só se fala de espaços, de linhas, de quadros, de segmentos, de disposições (LÉONARD, 1982, p. 16).⁵ Jacques Léonard acusou Foucault de transformar os séculos em planificações, as arquiteturas em um mundo kafkiano, as instituições em maquinarias sem mecânicos, os processos históricos em ausências de indivíduos ou centros operadores.

136

As discordâncias e críticas empreendidas por Léonard diretamente à Foucault eram a faceta visível das batalhas travadas entre os historiadores com o filósofo, mas muitas discordâncias ocorriam de modo indireto. Uma das diferenças entre ambos havia sido ressaltada na própria resposta de Foucault a Léonard, quando afirmou que jamais pretendeu realizar um estudo exaustivo de certo período, mas sim, que suas investigações eram sempre conduzidas por um problema (FOUCAULT, 2003, p. 323-334). Esta maneira até então diferenciada de se relacionar com o passado, tornou-se central para o questionamento que Foucault realizava ao direcionar a sua atenção para os espaços. Em meio à destes embates, Foucault por diversas vezes evocou nomes como Braudel, Bloch, Le Roy Ladurie ou Ariès para situar seus interesses pela ação temporal nas diferentes superfícies.

Os *Annales*, citados em nomes como Marc Bloch ou Fernand Braudel representaram para o filósofo francês um rompimento da negação da historicidade dos espaços. Foi na genealogia que Foucault apontou para a necessidade de fazer uma história dos espaços que seria ao mesmo tempo uma história dos poderes. Seria

⁴ "El Sr. Foucault recorre três siglos, a rienda suelta, como un caballero bárbaro" (LÉONARD, 1982, p. 8).

⁵ "El vocabulário de la geometria vacia la sociedade de los hombres; solo se habla de espacios, de líneas, de marcos, de segmentos, de disposiciones" (LÉONARD, 1982, p. 16).

necessário que estas investigações “[...] estudassem desde as grandes estratégias de geopolítica até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas” (FOUCAULT, 1979, p. 212).

Como afirma Jacques Le Goff (1990, p. 26), desde a chamada primeira geração dos *Annales*, o espaço foi considerado enquanto uma das grandes preocupações dos historiadores, “Lucien Febvre não cessou de ressaltar essa aliança entre a geografia humana e a história [...]”. Para o historiador francês, geógrafos como Vidal de La Blache ou Albert Demangeon abriram à História a possibilidade de uma busca simultânea entre o tempo e o espaço, as temporalidades seriam marcadas por inscrições espaciais de longa duração, pela importância de saberes como a cartografia, pelo estudo das fronteiras e das delimitações territoriais. Contudo, nesse período de interação constante entre Foucault e os historiadores nos anos 70, o pensador francês enfatizou que se as diferentes espacialidades eram produzidas, mapeadas e significadas a partir de processos temporais, cabia ao historiador o desenvolvimento não somente de uma história dos espaços institucionalizados, econômicos ou demográficos, mas também de abordar a própria historicidade dos espaços da vida (FOUCAULT, 1979, p. 212).

As mudanças ocorridas entre a arqueologia e a genealogia não nos permitem restringir a história dos espaços produzida por Foucault em apenas dois âmbitos de interesse: o espaço vinculado à institucionalização e o espaço da disciplinarização. É preciso entender que em meio as diferentes obras e textos emergiram diversos outros campos de preocupações que nem sempre podem ser enquadradas em categorias, afinal, as relações foucaultianas com os espaços não seriam tão polimorfos quanto o autor que as produziu? Dentre as diferentes possibilidades abordadas pelo pensador destacaremos aqui a ênfase dada para a dimensão espacial que atravessaria a história, os corpos, as vivências e subjetividades.

Michel Foucault insistiu na necessidade de ressaltar que as relações humanas não se dariam em um espaço da estabilidade, pelo contrário os sujeitos estariam ligados a “esse espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo” (FOUCAULT, 2006, p. 14). Era preciso compreender a produção das espacialidades para além das demarcações de fronteiras políticas e econômicas, redirecionando a atenção para o caráter corporal dos espaços. As superfícies também eram produzidas pelo movimento dos corpos, que ao seu redor definiam-se os lados, as direções e as distâncias. Os diferentes corpos eram significados nas variações físicas, nos adereços,

maquiagens e vestimentas que o arrancavam de um espaço e o projetavam em outro (FOUCAULT, 2013, p. 14).

Partindo da perspectiva de que os homens em diferentes contextos históricos elaboraram espaços distintos, Foucault desenvolveu o conceito de heterotopia para assinalar os lugares que estavam fora de todos os outros, mesmo que tivessem uma localização precisa. Seriam espaços como os espelhos, os cemitérios, os prostíbulo, museus, bibliotecas e jardins. Unidades que permitiam aos indivíduos adentrar em locais de dor e de prazer, visíveis ou invisíveis na sociedade. As heterotopias apresentariam desempenhos espaço-temporais específicos, como o reflexo do espelho que tornava possível estar e não estar ao mesmo tempo, ou lugares como as saunas e prostíbulo, que possibilitam transformar-se, vivenciar experiências distintas e transgredir parâmetros. O caráter temporal, portanto, histórico das heterotopias, poderia ser afirmado na constituição dos cemitérios nos séculos XVIII e XIX, outrora juntas, a cidade dos mortos foi afastada para os limites da cidade dos vivos. Segundo Foucault (2013, p. 21-25), estes “espaços outros” seriam afirmados no costume de passar a noite de núpcias em trens, na fracassada tentativa de fazer desaparecer as casas de prostituição ou nas bibliotecas e museus que em um único espaço abarcavam diferentes temporalidades.

138

Na multiplicidade de temas e preocupações que atravessaram as duas décadas da arqueogenealogia, Foucault apontou para a disposição e o posicionamento dos espaços através de poderes e saberes, em relações que determinavam localizações, permanências e deslocamentos. Afirmando a historicidade nas delimitações dos espaços, o pensamento deste filósofo desenvolveu suas problemáticas em torno de noções espaciais como o mapa, a fronteira, o diagrama, a cartografia ou a região. Suas conceituações dinamizaram o tempo e o espaço de modo simultâneo, já que os hospitais, asilos ou prisões poderiam ser compreendidos como efeito de um contexto histórico caracterizado tanto pelo controle espacial (internamento, cárcere, vigilância), como pelo temporal (período de tratamento, duração das penas, rotina de trabalhos forçados).

Foucault instigou os historiadores a desnaturalizar o espaço enquanto compreensão dada e inata, pois se os recortes, configurações e limites são produzidos historicamente, torna-se necessário afirmar as espacialidades como resultado de rupturas e acontecimentos. Para além das demarcações instáveis que classificaram a razão e a loucura, o saudável e o patológico, o inocente e o culpado, Foucault também apontou a relevância dos espaços que se tornaram superfícies para os corpos com suas vivências, desejos e sensações.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. de. (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **História**: a arte de inventar o passado (Ensaio de Teoria da História). Curitiba: Prismas, 2017.
- ALEIKSEIVZ, R. A. **Espaço e poder na reflexão de Foucault**: dos dispositivos à governamentalidade. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- BOULLANT, F. **Michel Foucault, penseur de l'espace**. Séminaire dans l'Université de Lille. 2003. Disponível em: <<http://www.annuaire-bleu.net/includes/details.php?linkID=119689>> Acesso em: 10 ago. 2017.
- BRAUDEL, F. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 2 v.
- CERTEAU, M. de. **História e Psicanálise**: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. . **Correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Ed. FGV; São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DOSSE, F. **História do Estruturalismo**: o campo do signo, 1945-1966. Campinas: Ed. Unicamp, 1993. v. 1.
- _____. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.
- ERIBON, D. **Michel Foucault, 1926-1984**. São Paulo: Companhia das Letras 1980.
- FOUCAULT, M. A poeira e a nuvem. In: _____. **Ditos e escritos IV**: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 323-334.
- _____. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. **O corpo utópico; as heterotopias**. Pós prefácio de Daniel Defert. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- _____. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.
- _____. Outros espaços. In: _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 411-422.
- _____. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LE GOFF, J. A História Nova. In. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 26-54.

- _____. Foucault e a "nova história". **Plural**, n. 10, p. 197-209, 2003.
- LÉONARD, J. El historiador y el filósofo In. PERROT, M. **Le imposible prisión**. Barcelona: Anagrama, 1982, p. 6-19.
- LE ROY LADURIE, E. **Les paysans de Languedoc**. Paris: Flammarion, 1966.
- MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- O'BRIEN, P. A história da cultura de Michel Foucault. In. HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Martins Fontes: São Paulo, 1992, p. 33-62.